

'New York Times': Governo perdeu a credibilidade

Jornal relata os fracassos do plano econômico

JAMES BROOKE
Do New York Times

BRASÍLIA — Sem fanfarras, o Banco Central está colocando em circulação a última e mais alta nota de dinheiro do Brasil — a cédula de Cr\$ 10 mil. Com gravuras de cobras amazônicas, a nova nota está valendo US\$ 34. Um ano atrás, quando Fernando Collor assumiu a Presidência e prometeu acabar com a inflação, os Cr\$ 10 mil valiam US\$ 134. Para muitos empresários, a nova nota simboliza uma generalizada perda de confiança na equipe econômica. E uma perda de credibilidade que deverá envolver Collor em sua primeira visita oficial aos EUA, em junho.

A imprensa econômica brasileira passou a se referir à sua capital como "Ilha da Fantasia". O congelamento de preços é virtualmente ignorado nas cidades costeiras do Brasil, onde mora 80% da população. Nos primeiros quatro meses do ano, os preços deram um salto de 75%. "O congelamento de preços se tornou uma piada fora de Brasília, que continua a insistir em tratá-lo com uma seriedade comovente", escre-



veu o jornal O GLOBO, após listar altas de preços em itens que vão de jeans a freezers.

A peça central do programa antiinflacionário — o bloqueio por 18 meses de contas bancárias e de poupança — gerou revolta na cada vez mais cética classe média brasileira. Muitos duvidam que o Governo vá devolver o dinheiro com juros integrais. Usando termos ásperos como roubo e furto, juízes de alto a baixo da costa brasileira ordenaram o desbloqueio das contas bancárias. Cerca de 150 mil pessoas apresentaram petições em março e abril para conseguir seu dinheiro de volta. Temendo uma súbita avalanche de US\$ 20 bilhões nas

mãos de pessoas que não mais confiam em bancos, as autoridades estão lutando para persuadir o Supremo a declarar inválidas as ações das cortes inferiores.

Enfraquecendo ainda mais o apoio a Collor, o número de desempregados em São Paulo continua a crescer, chegando a um milhão em abril. A taxa de desemprego na maior cidade brasileira está em 12%, o dobro da taxa de anos recentes.

Num inesperado lampejo de franqueza das autoridades econômicas, Eris recentemente disse: "Há dúvidas sobre as intenções reais da política econômica do Governo Collor — se é de livre mercado ou interven-

cionista". Muitos leram estes comentários como um prelúdio à renúncia.

No ano passado, as companhias brasileiras investiram mais dinheiro fora do País do que as empresas estrangeiras aqui. O Brasil, tradicionalmente entre os cinco maiores beneficiários de investimentos japoneses, caiu para o 23º lugar. De acordo com um recente estudo de um banco britânico, o Brasil era o único dos cinco maiores devedores da América Latina a sofrer evasão de capital líquido no ano passado.

— O pano de fundo é que o Governo não tem qualquer credibilidade — disse Riordan Roett, consultor bancário americano que organizou um encontro em São Paulo, este mês, do Fórum Econômico Mundial. — Não há confiança na equipe econômica, não há diálogo, não há consultas. Eles tratam os empresários como crianças — acrescentou.

De fato, a mistura de petulância e arrogância que os executivos brasileiros costumam atribuir à Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, pôde ser vista numa entrevista em Brasília. Convidada a listar os êxitos de sua equipe no primeiro ano, Zélia lamuriou-se:

— Eu já respondi a isso tantas vezes que só pensar em responder mais uma vez realmente já me deixa aborrecida — disse ela com irritação.